

Título:**CONSTRUÇÃO GRUPAL E IDENTIDADE COLETIVA: ESTUDO DE CASO NA
CORESO – COOPERATIVA DE RECICLAGEM DE SOROCABA/SP****Autores:**

Cleide Mirian Freire de Jesus Bremer. Especialista em Gestão da Economia Solidária - UFSCar. Especialista em Gestão Ambiental, Perícia e Auditoria pelo IPOG/RN, Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Estácio de Sá/RN - E-mail: cleidedejesus@gmail.com.

Maria Zanin. Docente do Programa de Pós Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCar e do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária da UFSCar (NuMI-EcoSol/UFSCar). E-mail: mariazanin55@gmail.com.

Grupo de Trabalho: GT 4 – Sessão 2

Tema específico:

4– Articulação de catadores de resíduos e economia solidária.

Resumo:

A CORESO (Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba/SP) resulta da unificação de ex-moradores de ruas, ex-catadores autônomos de recicláveis da cidade de Sorocaba/SP e trabalha junto com a Rede Cata – Vida, que articula empreendimentos de catadores e envolve 18 cooperativas nas regiões de Sorocaba e Itapeva - SP. Este trabalho se propõe a elaborar reflexões sobre o processo de construção grupal e identidade coletiva desta cooperativa, estudando os seguintes aspectos: constituição do grupo enquanto elementos estáticos, homogeneidade, características psicossociais participantes, sistemas ideológicos: cultura e clima grupal e natureza das tarefas. Para isso foi realizado levantamento bibliográfico e pesquisa de campo que envolveu três entrevistas, a primeira com representante de um grande parceiro da cooperativa (a primeira com representante do CEADDEC – Centro de Estudo e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania. A segunda com representante da Rede Cata- Vida e a terceira com a cooperativa de reciclagem – CORESO. A metodologia utilizada pela pesquisadora foi de caráter observatório, que possibilitou o reconhecimento dos espaços e parcerias constituídas ao longo do processo de desenvolvimento da experiência em questão. Como resultado foi

identificado à necessidade de uma formação sistemática dos agentes educadores da Economia Solidária a partir da dinâmica e organização de seus núcleos municipais, para que esses possam compreender e colaborar com o processo de gestão, organização e identificação de parcerias.

1) Introdução

No Brasil, devido à descentralização da economia, tem se acrescido a necessidade de geração de trabalho e renda, como uma válvula de escape para superar as crises globais existentes. A economia solidária tem sido o canal para os trabalhadores para criar empreendimentos econômicos baseados em valores de autogestão, cooperação, maior controle dos meios de produção, e solidariedade

Em meio aos movimentos sociais os trabalhadores oprimidos pelo capitalismo moderno, com as falências das empresas, optaram por um meio de trabalho que gerasse renda e igualdade para todos, tem buscado sua articulação junto ao movimento da Economia Solidária em redes, cooperativas de produção e comercialização de produto, visando diminuir os problemas com o trabalho informal, aumentando assim oportunidades de geração de renda.

Singer (2002, p. 28) ressalta ainda que A crise econômica que atingiu o país entre 1981 e 1983 e a crise dos anos 90, após a abertura dos mercados, no governo Collor, resultaram na falência e fechamento de muitas fábricas, deixando muitos desempregados, os quais passaram a buscar novas alternativas de renda. Começaram, então, a surgir iniciativas, por parte dos trabalhadores, de assumir o controle das empresas atingidas pela crise, e a legislação passou a facilitar a aquisição de instalações e instrumentos de trabalho dos antigos patrões.

A atividade de coletar materiais recicláveis nas ruas vem sendo realizada a mais de 50 anos, antes eram carroceiros, ferro-velho, fazendo a história dos cenários dos catadores de resíduos. Em meados do século XX, a coleta seletiva de resíduos uma atividade de geração de emprego e renda. Com as mudanças econômicas, afetando a indústria, aumentando o desemprego em massa, o crescimento desordenado da população brasileira, a migração para os grandes centros urbanos, essa atividade se tornou o sustento de trabalhadores que se encontrava em situação de desemprego ou excluído pelo capitalismo imposto. Criando assim um novo cenário, uma nova identidade e a partir de suas organizações uma identidade grupal.

De acordo com Singer (2003) a economia solidária pode ser fundamentada com base nos seguintes princípios básicos:

Posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado “sobras”) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado (SINGER, 2003, pg. 13).

A atividade da Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba contribui para a diminuição do impacto ambiental em uma sociedade organizada, reduzindo a pressão nos lixões e aterros sanitários, conscientizando a população sobre a importância da reciclagem, auxilia na gestão pública, reduzindo valores a serem repassados pelos contraentes de coletas de lixo não reciclado, além de, do mais, é uma ligação da cadeia produtiva de produção na indústria, permitindo o reaproveitamento da matéria-prima a baixo custo. (CEADEC, 2015)

Considerando que parte dos resíduos gerados pelas atividades humanas ainda possui valor comercial, se manejado de maneira adequada, deve-se adotar uma nova postura e começar a ver o lixo como uma matéria-prima potencial. Sendo assim, considerando a complexidade das atividades humanas, pode-se verificar que resíduos de uma atividade podem ser utilizados para outra, e assim sucessivamente. O material que não for consumido nesse ciclo será nomeado como lixo (D'ALMEIDA; VILHENA, 2000).

Embora os catadores de reciclagem sejam os autores principais do contexto da história da reciclagem, eles ainda são desfavorecidos pelo mercado industrial, devido a não valorização deste trabalho.

De acordo com Rejano (2003), a estruturação grupal permite induzir na dinâmica interna de um grupo e sua associação pela compreensão das experiências vivenciadas em grupo. O autor comenta que com a chegada da globalização e suas imposições na era pós-

industrialização, está gerando mudanças que impactam na estruturação dos grupos e defender a importância de estudos nas estruturas considerando seus elementos estáticos, dinâmicos inerentes. Neste sentido, estudos voltados para este tipo de análise envolvendo a Economia Solidária, que vem em caminho oposto ao capitalismo existente, são importantes na medida em que os princípios direcionadores desta economia envolvem a cooperação, solidariedade, controle do meio de produção, gestão democrática. (SINGER, 2003)

A construção de uma identidade grupal em uma organização solidária de trabalho, segundo VERONESE e ESTEVES, 2009 reflete de forma positiva na identidade dos trabalhadores de empreendimentos que possuem essa forma de organização. Esta afirmativa nos leva a elaborar algumas perguntas: Como podemos identificar essa identidade? Quais elementos podem usar para essa identificação? E quanto ao gênero, qual a predominância e como ela reflete nas relações de trabalho? Baseado nestas considerações este trabalho, a partir de um estudo de caso em uma cooperativa de catadores(as) de matérias recicláveis traz reflexões sobre o papel da “Construção Grupal e Identidade Coletiva em um empreendimento de economia solidária. Os catadores(as) de materiais recicláveis são homens e mulheres que procuram por meio da coleta seletiva gerar trabalho e renda, pessoas que antes eram excluídas por uma sociedade egoísta, preconceituosa, onde o desemprego se fez presente na vida deles, onde a exclusão social tomou conta do sistema capitalista. Esses são nossos catadores do Brasil, gente como a gente e que vive buscando trabalho digno e bem viver para todos.

2) Método

O método para o desenvolvimento da pesquisa foi o estudo de caso que geralmente é escolhido como estratégia adequada quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco está em fenômenos contemporâneos e inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2001). No caso foi escolhida a Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba, denominada CORESO. A pesquisa também se caracteriza de caráter observatório e exploratório, que possibilitou o reconhecimento dos espaços e parcerias constituídas ao longo do processo de desenvolvimento da experiência em questão. Este empreendimento resulta de um processo de organização de ex-moradores de ruas, ex-catadores de recicláveis da cidade de Sorocaba/SP e trabalha junto com a Rede Cata – Vida, em 18 cooperativas nas regiões de Sorocaba e Itapeva - SP. Os seguintes aspectos foram

estudados: divisão grupal, agentes de motivação e os aspectos da formação de uma identidade grupal coletiva. Para isso foram realizadas três entrevistas. A primeira com representante do CEADDEC – Centro de Estudo e Apoio ao Desenvolvimento Emprego e Cidadania, a segunda com representante Rede Cata- Vida – Rede Solidaria das Cooperativas de Reciclagem, e a terceira com catadores e catadoras da Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba – CORESO.

3) Resultados e discussão

A CORESO é a Cooperativa de Reciclagem de 1º Grau de Sorocaba, mas antiga da região, instituída em 1999, com apenas 23 cooperados. O cenário antes da criação dos catadores era de trabalhadores autônomos que coletavam apenas latinhas de alumínio, comercializavam com os ferros-velhos e eram recebiam R\$ 0,28 por quilograma de latinha. Em 2014, esta cooperativa possuía mais de 80 cooperados. Além da CORESO, atuam em Sorocaba mais três cooperativas: a Ecoeso, Reviver e Catares.

Os 80 catadores(as) existentes em 2014 no empreendimento se constituíam mais mulheres que homens, no entanto não ocorre por preferência grupal, mais sim pela procura em trabalhar e entender a forma de trabalho e seus princípios. As mulheres exercem atividades desde a coleta em porta a porta, pesagem, separação, triagem, administrativa, presidência. Os homens exercem atividades de transporte, separação, moagem e pesagem, também fazem a coleta seletiva de porta a porta e conscientização da importância de separar e reciclar os resíduos. Nos conselhos administrativo e fiscal, predomina o sexo feminino, temos como presidente da cooperativa, em 2014, uma ex-catadora de reciclagem. A cooperativa também avançou na cadeia produtiva da reciclagem e possui atividades de processamento do material polimérico e do óleo. Assim, a cooperativa já avançou no processo de reciclagem e já está sendo comercializado o material processado e isto está aumentando a renda dos cooperados, pois antes só material plástico era vendido enfardados juntamente com os outros materiais. O restantes dos materiais coletados da CORESO ela comercializa em rede com as cooperativas da Rede Cata- Vida – Rede Solidaria das Cooperativas de Reciclagem, que envolve, 18 municípios onde se obtém o volume e a padronização e vendidos para setor industrial. Este formato de comercialização em rede permite tirar o sucateiro do circuito e possibilita maior ganho para as cooperativas.

Quanto ao processo de decisão da cooperativa é feito de forma coletiva, através de assembleias participativas. Observou-se que as relações construídas neste empreendimento por meio da forma de trabalho adotada, promove o resgate da cidadania. Conforme entrevista com um dos cooperados, no caso um ex-travesti, que relatou que através desta oportunidade conseguiu resgatar o respeito de seus familiares e colegas. Quando perguntamos “quem és” logo veio a afirmação “eu sou”. E quando perguntamos a estes cooperados que compõem a Rede Cata-vida eles afirmaram: Eu sou catador de reciclagem.

Conforme a observação participante nesta pesquisa, as catadoras, em muitos casos arrimos de família, são verdadeiras lideranças comunitárias que agregam, conciliam e organizam outros trabalhadores em seu entorno. A função de administradora familiar vai de encontro com a necessidade das organizações autogestionárias (cooperativas e associações) que hoje vem sendo incluídas formalmente nas políticas públicas e fomentadas pelos Governos. O quadro 1 apresenta a descrição da estrutura do grupo de catadores e atadoras a partir de elementos estáticos observados na CORESO.

Quadro 1- Descrição da estrutura do grupo de catadores e catadoras a partir de elementos estáticos

ELEMENTOS ESTÁTICOS

a) Esforço Empenhado: foi observada explicitamente a divisão dos cooperados em pequenos grupos de trabalho, embora exista uma relação muito forte entre si, existindo até casais que se conheceram na cooperativa e hoje tem um relacionamento afetivo, foi notado também a existência de setor onde várias pessoas ficam trabalhando em conjunto em uma serie de produção, separando na esteira, e do outro lado uma cooperaria fazendo essa separação de forma manual.

b) Introversão: a existência de cooperados que prefere não se envolver em pequenos grupos, realizando seu trabalho de forma individua, alegando que só consegue trabalhar desta forma individual.

c) Extroversão: observando o grupo, é possível relatar que os cooperados tem um bom relacionamento, que conversão à vontade, brincam, manifesta suas opiniões, ao mesmo tempo em que o trabalho é desenvolvido simultaneamente pelos cooperados, pouco se ver a circulação dos mesmos no ambiente de trabalho.

d) Motivação: A motivação é notada, uma vez que esses cooperados se encontravam em situação de risco, vida desregrada com vícios e sem moradia, hoje eles se sentem motivados por reverter este cenário e ter uma renda, para poder pagar seu aluguel, ter como assumir compromissos, se alimentar de forma correta e ainda mais poder oferecer uma vida melhor para seus dependentes.

Esta motivação é observada nos cooperados quanto a divisão de trabalho, organização da triagem, separação e pesagem para que haja a reversão em renda, proporcionando a motivação econômica, além da emocional, afetiva agregando vivências e experiências perdidas pela fusão capitalista e sendo encontrada pelos os princípios da economia solidaria, um bem viver para todos cooperados.

HOMOGENEIDADE X HETEROGENEIDADE

a) Gênero: existem mais mulheres que homens no empreendimento, porém isso não ocorre por preferência grupal, mais sim pela procura em trabalhar e entender a forma de trabalho e seus princípios. As mulheres exercem a função desde a coleta em porta e porta, pesagem, separação, triagem, administrativa, presidência. Os homens exercem a função de transporte, separação, moagem e pesagem, também fazem a coleta seletiva de porta e porta e conscientização da importância de separar e reciclar o lixo. Nos conselhos administrativo e fiscal, predomina o sexo feminino, temos como presidente da cooperativa uma ex-catadora de reciclado.

b) Capacidade e habilidade: A adesão é voluntária, quando o cooperado entra na cooperativa ele é orientado a tomar vacina contra o tétano, abrir uma conta bancaria, cadastrar no CAD – Cadastro de catador de reciclagem – Cadastro único, preenche uma ficha na cooperativa e começa a realizar suas atividades, passando por diversas funções, para então definir qual ele se identifica para o seu melhor desempenho, entendendo os princípios da cooperativa, a importância do trabalho coletivo, sempre os mais velhos na cooperativa ensina aos mais novos como é realizada cada atividade, havendo o processo de multiplicação. Depois esta posição se fixa, ocorrendo mudança de setor quando há necessidade de atendimento em outra área de atividade.

c) Idade: Há uma grande variação de idade, tendo cooperados desde 18 anos até 65 anos. Cooperados com maior idade trabalham em atividade que requer menos dispêndio físico, como exemplo: setor de triagem e controle.

CARACTERÍSTICAS PSICOSSOCIAIS PARTICIPANTES

Em geral, noções de gênero definem o comportamento “esperado” de homens e mulheres na sociedade. Na cooperativa por ser liderada pelo gênero feminino, existe algumas barreiras que a presidente da cooperativa quebra para o bom convívio e trabalho em equipe. Há algumas objeções por ter uma líder mulher, quando a presidente intervém na questão do gênero, a importância do trabalho e a força feminina para a produtividade e como é aceito. O homem por natureza é individualista, dentro dos empreendimentos econômicos solidários são em sua maioria mulheres, existe respeito e muitas vezes focado por ser mulher. Sempre é repassado para os cooperados os princípios, a história da cooperativa, a inclusão social.

SISTEMAS IDEOLÓGICOS: CULTURA E CLIMA GRUPAL

O clima grupal é positivo, onde não deixam espaço para exclusão, independente de raça, sexo, crença, há uma preservação do bem comum para todos, não sendo observado um fator agravante cultural, pois o grupo é bastante heterogêneo. O convívio entre eles é sadio, por vim de uma construção de lutas, exclusão, eles se sente à vontade para se relacionar e conviver nesta estrutura grupal. Por trabalhar com pessoas, existem conflitos, geração de discórdia e gerando até um mal-estar entre o grupo, mais logo é solucionado, pois os cooperados trabalham com princípios e valores de igualdade e valorização do trabalho coletivo, como é explicitado pela Economia Solidaria, se o sujeito não se enquadra neste perfil, a partir de três advertências ele será convidado a sair da cooperativa.

NATUREZA DAS TAREFAS

a) Administração: Existe uma diretoria executiva, presidenta, tesoureiro, conselho fiscal, três suplentes, secretário geral, sendo homens e mulheres, com a predominância o sexo feminino.

b) Execução: As lideranças nas atividades são de fácil aceitação, pois se dividem em administrativo, produção (coleta porta a porta, separação, pesagem, prensagem) e alimentação. Existe uma preocupação com a forma de trabalho dos cooperados, quanto ao uso de EP'is, tendo um controle de seus líderes quanto a importância e ao bom uso.

c) Escolhas: O conselho tem um papel influente nas escolhas, mais todas as decisões do grupo são feitas através de assembleias, quando surgiu algum problema de conflito individual ou coletivo é tratado em reunião com os cooperados.

3.1) ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ELEMENTOS ESTÁTICOS

Com relação as estes elementos, foi observado pela pesquisadora que no período da pesquisa de campo, as visitas realizadas, o número de cooperados do empreendimento diminuiu onde é notada uma alta rotatividade por não haver adaptação ao trabalho, aos princípios que a cooperativa segue, embora tenha inserido neste grupo cooperados com 14 anos, 5 anos, 4 anos de cooperativa. Alguns cooperados entram na cooperativa pela exclusão social, por falta de oportunidade, muitos são ex-moradores de rua que entraram na cooperativa como um refúgio, como um meio de sobrevivência, para poder ter a refeição, do café da manhã, almoço, sendo muitas vezes está a motivação dos mesmos permanecerem no empreendimento.

A CORESO não pode ofertar mais do que o espaço da coleta, isso faz com que haja certo incomodo de querer fazer mais pelos cooperados e não ter recursos para poder assisti-los de uma melhor forma. O quadro 2 apresenta os aspectos observados quanto a normas e posição e status do grupo de catadores e catadoras da CORESO. O quadro 3 descreve os elementos dinâmicos observados durante as atividades de campo na CORESO.

Quadro 2 – Normas e posição/status observados na CORESO

POSIÇÃO E STATUS

Foi observado existe uma estrutura verticalizada, onde os cooperados seguem regras, muitas vezes não discutidas nas reuniões. Nos setores existe uma formação informal de líderes pelo tempo de casa, experiência.

NORMAS

Existe um estatuto social, regimento interno, medidas disciplinares para organizar e fazer funcionar o empreendimento, mais respeitando as dificuldades, necessidades e entendimento de cada indivíduo.

Quadro – 3 Descrição dos elementos dinâmicos observados na CORESO

COESÃO GRUPAL

Foi observado que o grupo por ter opinião diferente quanto ao modo de trabalho, aceitação e divisão de trabalho, geram conflito, a presidenta conta em uma entrevista feita pela pesquisadora, que um cooperado pegou uma faca para ferir o outro por fofocas feitas no horário de trabalho. Algumas pessoas não tendo o hábito de se informar, vai pelo mal hábito de ir pelas conversas de outras pessoas e daí é gerado o conflito negativo entre o grupo.

FILIAÇÃO GRUPAL

a) **ATRAÇÃO:** Dentre os cooperados mais antigos, vem de uma história de luta contra o desemprego, a maioria já eram catadores de reciclado informalmente, se unificando para buscar melhores condições de sustentabilidade ou pela impossibilidade de catar em aterro sanitário. Nesta cooperativa tem catadores que já está há 14 anos. Ao conversar com os cooperados, eles afirmam estar trabalhando nesta cooperativa por que meio dela, saíram das ruas, hoje conseguem pagar aluguel, não se envolvem com drogas e coisas que não fazem delas pessoas integras, ganhando respeito da família e tendo um convívio social. Outros estão lá por sobrevivência, por ter as duas refeições, por ter uma renda para poder sustentar sua família. Mais existem cooperados que estão na cooperativa por acreditar nos valores economicamente solidários.

b) **ACEITAÇÃO:** Os cooperados novos são recebidos pelos mais antigos da casa, onde são orientados pela carta de princípios da cooperativa, as normas e procedimento. Muitos entraram na CORESO para resgatar sua cidadania.

A cooperativa faz um treinamento bimestral para explicar a importância do cooperativismo, do trabalho coletivo e os princípios que a mesma segue. Existe uma rotatividade de cooperados devido à cooperativa não ter nenhum subsídio do governo, onde ficam dependentes somente da

coleta e a retirada se torna baixa, não atrativa. Desta forma, alguns catadores preferem trabalhar de forma informal, individual, voltando ser catador individual de reciclado.

OS PAPÉIS SOCIAIS

O papel social da cooperativa é fundamental, pois é a porta de entrada para aqueles excluído pela sociedade capitalista, onde resgataram a cidadania tendo trabalho e renda.

Observando a descrição dos quadros 2 e 3 pode-se afirmar que o papel da cooperativa é fundamental, pois é a porta de entrada para aquelas pessoas que vivem em situação de risco e dar esta oportunidade para elas terem uma renda. A CORESO trabalha com o centro POP - Centro de Referência Especializada em População em Situação de Rua, muitos são encaminhados para cooperativa para reinserirem na sociedade, resgatando a cidadania.

O quadro 4 descreve a forma de comunicação entre seus associados e os instrumentos de comunicação da CORESO;

Quadro 4 Sistema de comunicação e instrumentos

REDES DE COMUNICAÇÃO

A cooperativa realiza assembleia para passar as principais informações sobre cooperativa. No dia a dia a comunicação ocorre de forma mais informal e indireta de forma objetiva. A liderança estimula a compreensão dos princípios da Economia solidaria.

O próprio catador de reciclagem é orientado quanto à importância da separação de reciclado, onde o mesmo segue para a coleta e faz a conscientização deste trabalho em conjunto. O contato é fundamental entre o catador e a comunidade nesta ação. A cooperativa possui os seguintes canais e instrumentos de comunicação:

- a) Os canais de comunicação são: CEADEC, Rede Cata Vida.
- b) Os materiais de divulgação e comunicação: Folder, materiais educativos de orientação da coleta seletiva e o site da CEADEC.

Além dos resultados que analisaram o formato da identidade coletiva e da sua construção grupal, os resultados também identificaram a necessidade de uma formação sistemática pelos agentes educadores da Economia Solidaria a partir da dinâmica e organização de seus núcleos municipais, para que os(as) catadores(as) possam compreender melhor o processo de gestão, organização e identificação de parcerias.

Considerações finais

Considerando toda a descrição nos quadros acima e ainda que dentre 84 cooperados, cadastrados na cooperativa, ainda existem alguns que não entendem esse modo de trabalho baseado nos princípios e valores da Economia Solidária podemos concordar com Singer sobre a existência de graus de autogestão nos empreendimentos de economia solidária. Este é o caso da CORESO onde pode ser observado que o nível de autogestão no empreendimento é relativo, pois há participação do Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania como assessoria técnica nas participações de reuniões da direção geral e assembleias. Muitos cooperados, não se manifestam no poder da tomada decisão por não ter conhecimento suficiente sobre a cultura grupal do empreendimento, outros se esquivam com receio de rejeição de outros cooperados. Fazendo-se necessárias oficinas temáticas ligadas aos princípios da Economia Solidária.

Quanto à participação da Rede Cata-Vida nos municípios de São Paulo e sua importância para a sustentabilidade sendo um canal de ramificação da CORESO e outras cooperativas do ramo de coleta seletiva.

Quanto aos aspectos sociais, a cooperativa de reciclagem é uma alternativa para trabalhadores não qualificados, excluído pela sociedade capitalista imposta, além disso, evidenciou-se uma questão de gênero, identidade grupal, uma vez que a maioria dos cooperados do empreendimento são mulheres. Com relação ao trabalho de catadores autônomos, a cooperativa oferece aos cooperados a possibilidade de um trabalho formal, mesmo que com ingresso variável, índice auto de rotatividade, um ambiente de menor insalubridade, pois os cooperados são orientados a forma de separação da reciclagem, a utilizarem os equipamentos de proteção individual – Epi's, ainda que alguns trabalhadores resistam ao não uso e sua importância.

Quanto à inclusão social das cooperativas na gestão pública de resíduos sólidos urbanos, a participação em movimentos sociais organizados, como o de catadores de materiais recicláveis, a cooperativa sofre com a falta de interesse do governo local para as políticas públicas e ações economicamente solidários.

E de caráter de extrema relevância a importância de estudos e trabalhos da intervenção da universidade e de outros atores da economia solidária para fortalecer as ações da economia solidária no território, possibilitando a consolidação da autogestão nas esferas dos empreendimentos e movimentos da ECOSOL.

Na cooperativa estudada faz-se necessário que a liderança implante oficinas de treinamento voltado para Economia Solidária e seus princípios, uma vez que haja sempre a rotatividade e muitos cooperados entram e saem da cooperativa por não entender o sistema de autogestão, padrões de si mesmo.

Finalmente, esperamos que este estudo possa contribuir para formação e fortalecimento dos empreendimentos economicamente solidários, assim como ajudar na compreensão das dificuldades ilustradas nesta pesquisa, além de que auxilie na concepção de um bem viver para todos.

Agradecimentos:

A CORESO, em nome da Patrícia de Sene pela atenção dada no decorrer desta pesquisa. Ao Numi/UFSCar, pela sensibilidade com a temática da economia solidária e desenvolvimento territorial, possibilitando trabalhadores (as) e educadores (as) dessa área galgar mais um degrau em sua vida acadêmica e profissional.

Referência Bibliográfica

CADERNO de Orientações para elaboração de Planos de Economia Solidária, Desenvolvimento Local e Economia Solidária, AACCC/RN, 2010.

CEADEC. Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania. Disponível em: www.ceadec.org.br. Acesso em: 31 julho. 2015.

D'ALMEIDA, M. L. O.; VILHENA A. Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado. 2. ed. São Paulo: IPT; CEMPRE, 2000. (Publicação IPT, 2622).

FORUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Plataforma. Disponível em: <http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=62&Itemid=59>, acesso em data 20 agosto. 2015.

GAIGER, L. I. A outra racionalidade da economia solidária. Conclusões do primeiro mapeamento nacional no Brasil, publicado na Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, dezembro 2007: 57-77. Disponível em: acesso em data 13 jun. 2015.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, Central do Trabalho e Emprego. Economia Solidária. Projeto de Promoção do Desenvolvimento Local e Economia Solidária – Agente de Desenvolvimento Solidário – Caderno de Orientações – Brasília, 2006.

SCHNORR, G. M. As redes de Colaboração Solidária para o Aprendizado Solidário. Série Sociedade Solidária, Vol. 1 – 2004. Disponível em: <

http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Redes/redesdecolaboracaosolidaria.pdf>, acesso em data 10 jul. 2015.

VERONESE. Marília Veríssimo. Subjetividade, trabalho e economia solidária. Disponível em file:///C:/Users/user/Downloads/RCCS_84_Marilia_Veronese.pdf; Acesso em 31 julho, 2014.

SINGER, P. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, P. e SOUZA, A. R. (org). A economia solidária no Brasil. São Paulo: Contexto, 2003.

SINGER, Paul. Introdução a Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. Introdução a Economia Solidária, 1ª Ed, Editora Fundação Perseu Abramos, São Paulo, 2002. _____, P. A Recente Ressurreição da Economia Solidária no Brasil.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.